

A Educação do Príncipe Cristão na Literatura Especular do Antigo Regime Ibérico: uma análise da obra de Francisco de Monçon.

Margareth Pereira Lima*

Resumo

Este artigo busca apresentar o lugar da temática dos Espelhos de Príncipe no pensamento político da Península Ibérica do século XVI, através da análise da obra de Francisco de Monçon, um dos mais importantes autores desse tipo de literatura no período como forma de bem educar o Príncipe Cristão.

Palavras-chaves: Espelhos de Príncipe, Educação, Religião.

Abstract

This article aims to present the theme of the place mirrors the thinking of Prince's political Iberian Peninsula of the sixteenth century, examining the work of Francisco de Monçon, one of the authors of such literature in the period as a way to educate and the Prince Christian.

Key words: Mirrors of Principe, Education, Religion

Introdução

A pesquisa aqui apresentada integra o Projeto de Pesquisa denominado *À Sombra do Rei. Valimento e Favoritismo Régio no Pensamento Político Ibérico do Antigo Regime – Séculos XVI-XVII*¹, Projeto este que está vinculado à linha de pesquisa, *Estado, Cultura Política e Idéias*, do Programa de Pós-Graduação em História – Mestrado (reconhecido pela CAPES), sob a coordenação do Professor Dr. Ricardo de Oliveira.

O Projeto de Pesquisa *À Sombra do Rei*, investiga a problemática do valimento e seu impacto no pensamento político surgido na Península Ibérica do Antigo Regime. Nele existe a hipótese central de que a questão do valimento, isto é, a ação dos favoritos e privados régios no âmbito central da governação nas monarquias da época, esteve presente de maneira significativa no pensamento político, constituindo-se, por assim dizer, em verdadeiro *topos* discursivo. Filósofos, teólogos, poetas e letrados de uma forma geral dedicaram parte de suas respectivas reflexões para discutir a questão dos validos, privados ou favoritos como problema relativo à constituição do poder monárquico. Seja para atacar e até mesmo reprovar por completo a presença desse personagem junto à esfera central do poder, seja justamente com a intenção oposta, isto é, legitimar ou exaltar o valimento ou algum favorito em particular, o tema suscitou polêmicas.²

A partir do que foi apresentado, o recorte escolhido levou-nos a estudar parte importante da literatura política, particularmente os Espelhos de Príncipe produzidos na Península Ibérica durante o século XVI, mais especificamente a obra de **Francisco de Monção**. Estes livros, chamados de Espelhos de Príncipes caracterizam-se como relevantes agentes propagadores de normas prescritivas de conduta, quer dizer, textos de natureza pedagógica que, oferecidos quase sempre ao Rei contribuíram para melhor orientar a educação de seus Príncipes sucessores.

Como observa Ana Isabel Buescu, toda a aristocracia tinha acesso aos livros, ultrapassando, portanto, o universo das bibliotecas régias.³ A obra de Buescu restringe-se ao pensamento político português, no entanto, como indica a própria autora, havia uma proximidade cultural

*Aluna de graduação em História na UFRRJ orientada pelo Prof. Dr. Ricardo de Oliveira da mesma instituição. Esse projeto de pesquisa é financiado pela FAPERJ.

¹ Projeto de Pesquisa CONTEMPLADO pela FAPERJ, em conformidade ao EDITAL / MCT/ CNPq/CT-INFRA - Nº 03/2006 – Programa Primeiros Projetos.

² Sobre o valimento na política do mundo moderno conferir: OLIVEIRA, Ricardo de. "Valimento,privaça e favoritismo: aspectos da teoria e cultura política do Antigo Regime". In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo; v.25, nº 50, pp.270-238 – 2005.

³BUESCU,Ana Isabel de. *Imagens do Príncipe.Discurso normativo e representação (1525-49) Lisboa: Edições Cosmos, 1996, pp.31*

muito grande entre Portugal e Espanha, prova-o, segundo ela, o fenômeno do bilingüismo, isto é, a utilização do idioma castelhano na corte portuguesa.⁴

A Obra de Monçón

Monçón teve uma participação de destaque na reforma dos estudos feita por D. João III em 1537 quando transferiu a Universidade de Lisboa para Coimbra. Provavelmente nascido em Madrid, Monçón estudou Artes e Filosofia na Universidade de Alcalá, onde se tornou Mestre em Artes em 1526. Nesta lecionou as disciplinas de Lógica, Física e Metafísica, obtendo pouco tempo depois o grau em Teologia pela mesma Universidade. Mas certamente, o grande acontecimento foi sua saída da corte castelhana em 1535 para Portugal, a convite de D. João III, pois em Portugal ocupou, além das funções universitárias, o cargo de capelão e pregador do monarca. Faleceu em Portugal no ano de 1575.

A escolha por Francisco de Monçón justifica-se pelo fato do conteúdo da obra e do autor terem sido até então, pouco utilizados como objeto de estudo. Mesmo os autores que tratam da importância de Monçón, só referem-se a sua passagem pela Universidade de Coimbra – é o caso de Silva Dias e Manuel Augusto Rodrigues. As exceções são os trabalhos de Álvaro do Nascimento Terreiro, autor de *Um Pedagogo Espanhol na Corte Portuguesa no Século XVI: Francisco de Monçón e os seus tratados de educação de Príncipes*. (Tese de Doutorado apresentada à Universidade Pontifícia de Salamanca, 1972) e em especial, de Maria de Lurdes Fernandes, *Francisco de Monzón, capelão e pregador de D. João III e de D. Sebastião Porto*, 1991.⁵

A obra analisada chama-se *Libro Primero del Espejo del Príncipe Christiano*⁶, 2ª edição de 1571, e foi destinada a D. Sebastião:

Epistola dedicatória al muy alto y muy poderoso señor Rey don Sebastian primero deste nombre, zelador dela Fe, Rey de Portugal y de los Algarves, Por su predicador y capellan, el doctor Francisco de Monçón Canonigo magistral en la Sancta See y yglesia Metropolitana de Lisboa: sobre la correpcion y addicion, o por mejor dezir, nueva

⁴ idem.

⁵ Estas informações foram encontradas no livro de Buescu. Op. Cit, cujo conteúdo constitui a principal referência para os meus estudos.

⁶ Esta obra se encontra no Setor de Obras Raras da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

composicion del primero libro del espejo del Príncipe Cristiano. (Epístola Dedicatória – 2ª página)

Uma primeira consideração que merece destaque é a nova formulação do título. Esta edição diferentemente de 1544, alcança um público muito maior, pois enquanto a primeira se dirige somente à criação do príncipe herdeiro, a segunda abrange também os protagonistas da corte, é o que fica claro no título da edição de 1571:

Libro Primero del Espejo del Principe Christiano, compuesto y nuevamente revisto, y muy emendado, com nueva composicion, y mucha addicion: por el Doctor Frãscisco de Monçón, cuya leccion es muy provechosa a todo gênero de personas discretas, aunque sean predicadores y cortesanos, por las muchas y sabias sentencias, y muy famosos y illustres exemplos que se ponen: adõde con varia leccion y erudicion se cõtiene una perfecta doctrina moral christiana.

Ou seja, além do príncipe – na condição de futuro governante – como primeiro destinatário, livro constitui-se também como um modelo de regras, condutas e comportamentos caracterizadamente aristocráticos e cortesãos, e desse modo, destina-se portanto a um público aristocrático.⁷

Monçón inicia o tratamento da questão da formação principesca indicando as qualidades que deve possuir a ama do príncipe: esta é uma questão relevante, já que a ama será a primeira mestra dele. Embora na Península Ibérica esta seja uma tradição vinda desde a Idade Média, Monçón recomenda o aleitamento materno indicando suas vantagens, uma vez que há aí uma dimensão simbólica maior através da analogia entre leite e sangue. Do mesmo modo, aponta as características necessárias à ama: “que quando no pudiere ser su ppria madre, que sea de noble sangre, y de buena complession: porque las complessiones y aun las condiciones se maman em la leche”. (folha 30 v). E ainda, de maneira geral: “las amas de los príncipes, que sean nobles, y leales, y de buenos costumbres”. (folha 31 v).

No que diz respeito aos mestres e aios, há uma extensa discussão sobre a idade ideal para o início da aprendizagem e a quantidade exata de mestres para educar o príncipe. Exemplo do caso mais invocado é a escolha de Aristóteles para mestre de Alexandre:

El grande Alexandre tuvo primero por su maestro, al Philosopho Demócrito, aunque despues el Rey Philipo se le quito, y se le dio a Aristóteles, que le torno a principiar desde la leccion de Homero, hasta hazer le grande Philosopho natural. Tambien tuvo Alexãdre por ayo a su tio Leonidas, que le industrio enjuger de armas, em toda la arte de cavalleria. (folha 17)

⁷ Idem a nota 03.

O processo de educação em si é o ponto chave de toda essa problemática tratada por Monçón. Da boa escolha do mestre, do aio e também da ama de leite depende a educação do príncipe, pois tudo deve ser feito para corrigir as más inclinações de sua natureza humana. Configura-se assim a maior atribuição da arte em mudar e aperfeiçoar as inclinações naturais.

Há ainda uma estreita relação entre o bom governo e a boa instrução, como assinala Skinner.⁸ Isto é, boas ações régias são produtos das virtudes, que por sua vez, são aprendidas através da educação. Em outras palavras, a educação tem um papel essencial na constituição do bom governo régio. Neste conjunto, a dimensão religiosa ocupa papel imprescindível – como aponta o próprio Monçón é indissociável da pedagogia como um todo – pois o modelo de bom monarca, perfeito para a república, deve ser acima de tudo, um bom cristão:

De sua buena criación aconseja el Apostol Sant Pablo, que todos los padres deven de tener cuydado de enseñar a sus hijos desde niños que sean devotos, y amigos de Dios, y a que sepan los misterios de la Fe Christiana, para que se afficionen desde entonces aguardar los por todo el espacio de la vida. (folha 45v)

Considerações finais

Desse modo, fica explícito o caráter principal desta obra: a educação. Somada a esta, existe outra característica fundamental ao Príncipe: o conhecimento das coisas de Deus. A Fé Católica irá exercer uma forte influência no processo de construção do Príncipe ideal, essa é a condição necessária para o bom governo, que o Príncipe seja Cristão. Em outras palavras, o príncipe perfeito é o educado a partir das condutas cristãs.

⁸ Cf. SKINNER, Quentin. *As Fundações do Pensamento Político Moderno*. Tradução de Renato Janine e Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

Fonte Primária:

MONÇÓN, Francisco de. *Libro Primero del Espejo del Príncipe Christiano*. Lisboa: Antonio Gonçalves, 1571(2ª edição).

Referências Bibliográficas

BUESCU, Ana Isabel. *Imagens do Príncipe. Discurso Normativo e Representação (1525-49)*. Lisboa: Edições Cosmos, 1996.

_____. *Memória e Poder: ensaios de história cultural (séculos XV- XVII)*. Lisboa: Edições Cosmos, 2000.

CARDIM, Pedro. *O Poder dos Afetos. Ordem amorosa e dinâmica política no Portugal do Antigo Regime*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 2000. (Tese de Doutorado)

ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2 Vols., 1993.

_____. *A Sociedade de Corte*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

GALLINO CARRILO, Maria Angeles. *Los Tratados sobre Educación de Principes. Siglos XVI y XVII*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1948.

MARAVALL, José Antonio. *Teoria española del Estado en el siglo XVII*. Madrid: Centro de Estudios Constitucionales, 1995.

MATTOSO, José (dir.). *História de Portugal*. Lisboa: Editorial Estampa, Vols. III e IV, 1997.

OLIVEIRA, Ricardo de. *Pela Graça do Rei. Um estudo sobre o valimento no Antigo Regime Ibérico. O caso de Alexandre de Gusmão*. Rio de Janeiro: UFRJ/IFCS/PPGHIS, 2004. (Tese de Doutorado).

_____. “Valimento, privança e favoritismo: aspectos da teoria e cultura política do Antigo Regime”. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo: ANPUH Nacional, V. 25, No. 50, Agosto-Dezembro, 2005. pp. 217-238.

_____. “Amor, Amizade e Valimento na Linguagem Cortesã do Antigo Regime”. *Revista Tempo*. Niterói: UFF - Programa de Pós-Graduação em História, Vol. 11, no. 21, Jul-Dez 2006. pp. 109-132.

SENELLART, Michel. *As Artes de Governar*. São Paulo: Ed. 34, 2006.

SKINNER, Quentin. *As Fundações do Pensamento Político Moderno*. Tradução de Renato Janine Ribeiro e Laura Teixeira Motta. Revisão técnica de Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. 4ª reimpressão: 2003.